

Sociabilidade intelectual na imprensa natalense na Primeira República (1889-1930)

Maiara Juliana Gonçalves da Silva¹

Resumo: Durante os anos de 1889-1930, o jornalismo e a literatura articularam-se à vida intelectual da cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Com o desenvolvimento da imprensa, os intelectuais natalenses eram acolhidos nos jornais e nas revistas que circulavam na cidade divulgando, assim, as produções textuais dos escritores da época. No período da Primeira República, inexistia ainda um mercado editorial na capital norte rio-grandense. As produções literárias dos intelectuais natalenses ficavam conhecidas por meio das conferências realizadas na cidade e, sobretudo, por meio dos textos veiculados nos jornais e nas revistas. O objetivo desse artigo é analisar as interações existentes nos espaços das redações e das tipografias da cidade do Natal durante a Primeira República. Os escritórios de redações e as oficinas tipográficas apresentaram importante função para o desenvolvimento da vida intelectual natalense: serviu de espaços de produções, de debates e, sobretudo, de difusões, fazendo as ideias circularem pela cidade.

Palavras-chave: intelectuais, sociabilidade, imprensa, tipografia, Natal

Résumé: Dans les années 1889-1930, le journalisme et la littérature se sont liés à la vie intellectuelle de la ville de Natal, capitale de l'État de Rio Grande do Norte. Grâce au développement de la presse, les intellectuels de Natal étaient accueilli par les journaux et les revues qui circulaient dans la ville et divulguaient ainsi les textes des écrivains de l'époque. Dans la période de la Première République il n'existait pas encore un marché editorial à la capitale du Rio Grande do Norte. Les productions littéraires des intellectuels de Natal étaient connues moyennant les conférences réalisées dans la ville et surtout moyennant les textes véhiculés dans les journaux et dans les revues. L'objectif de cet article est analyser les relations existantes dans les rédactions et dans les typographies à la ville de Natal pendant la Première République. Les bureaux de rédactions et les typographies ont eu une fonction importante pour le développement de la vie intellectuelle de Natal: ils ont servi comme un espace de production, de débat et surtout de diffusions en divulguant les idées dans la ville.

Mots-clés: intellectuels, sociabilité, presse, typographie, Natal

Sociabilité intellectuelle dans la Presse de Natal pendant la Première République (1889-1930)

¹ Maiara Juliana Gonçalves da Silva é formada em História (bacharel) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), campus Natal, e também é mestranda do Programa de Pós-graduação em História (área de concentração: História e Espaço) na mesma instituição (UFRN). Logo, o presente artigo é uma produção inédita, sendo desenvolvido a partir da dissertação de mestrado da autora, intitulada "Em cada rua um poeta! Em cada esquina um jornal! : a vida intelectual natalense (1889-1930)", sob a orientação do prof. Dr. Raimundo Pereira Alencar Arrais. Contato no e-mail: maiara_juliana@yahoo.com.br

As redações e as tipografias consistem em dois ambientes físicos que formavam a imprensa periódica, na época. No primeiro ambiente mencionado, os redatores e os colaboradores dos jornais reuniam-se em um ambiente específico para produzirem os textos que formariam o periódico. É necessário que ressaltemos que os textos que deveriam ser publicados nos jornais eram compostos nas redações de forma manuscrita. É nesse processo que se insere a importância das tipografias. As tipografias, segundo ambiente a ser abordado no presente artigo, eram complementos às atividades da imprensa que iniciavam na redação sendo responsável pela impressão das ideias.

Instaladas em 1808 no Brasil, as tipografias consistiam no processo de impressão mais utilizado para a reprodução industrial dos artefatos gráficos. Portanto as etapas da imprensa eram constituídas pelo processo de produção, realizados na redação, e pelo processo de impressão, realizados na tipografia. O ponto em comum entre os dois ambientes está na aglutinação que eles geraram. Tanto nas atividades da redação, quanto nas da tipografia, agrupavam-se escritores que escreviam, debatiam e difundiam as suas ideias. Sendo assim, os dois espaços mencionados promoveram a materialização dessas ideias. No decorrer desse artigo, abordaremos acerca das dinâmicas desenvolvidas no interior das redações e das tipografias estabelecidas na cidade do Natal durante a República Velha (1889-1930).

Redação: palavra que alude à atividade escrita, ao ato de redigir. A própria palavra utilizada para identificar o estabelecimento estava atrelada ao tipo de ofício desenvolvido ali. A redação era a casa onde se redigia um periódico. Devemos notar que o termo “redatores”, para designar aqueles que produziam jornais, também se encontra ligado ao tipo de ofício exercido. Em suma, o recinto estava destinado, portanto, à aglutinação de redatores empenhados em um único propósito: a composição de um jornal ou de uma revista.

O que estamos conjecturando aqui é que as redações eram ambientes que, de modo natural, proporcionaram a reunião de seus intelectuais. No entanto, pretendemos acrescentar, a essa percepção, o modo como as redações foram usadas como espaços de sociabilidade intelectual que, por vezes, transcenderam a comunicação entre um grupo específico na medida em que estenderam suas ideias ao público-leitor. Se por um lado, as redações efetuaram a produção de periódicos, por outro contribuíram para o debate e para a propagação de ideias na cidade.

Acreditamos que os periódicos são lugares de sociabilidade intelectual, lugares de articulações de ideias e de pessoas “que precisam de um suporte material e simbólico para fazer circular seus projetos” (GOMES, 1999, p.58). Se partirmos para a análise de cada

periódico específico perceberíamos redes de sociabilidade que demarcam estéticas, posicionamentos políticos, conceitos, em torno do qual se sociabilizaram diversos literatos. O fragmento mencionado, extraído da obra da autora Ângela de Castro Gomes, instiga-nos a refletir sobre o significado em fundar-se um periódico. Publicar um jornal é promover ideias e projetos em troca de um ganho simbólico: difundir, e tornar público, suas paixões, crenças e vaidades intelectuais. É para isso que os redatores se articulavam.

Grande parte dos periódicos da cidade do Natal apresentava como proposta a instrução e ilustração do espírito. Durante a Primeira República, era importante conduzir a capital norte-rio-grandense ao saber ler, uma vez que o gosto pela literatura deveria apresentar-se como meta em uma cidade que aspirava à civilização e aos homens cultos. Entretanto, cada jornal e revista apresentavam diversas propostas para atingir a finalidade de instruir e de ilustrar. Isso explica os diversos jornais literários que emergiram durante o período da Primeira República na cidade do Natal. Em suma, ainda que todos os jornais se nomeassem de caráter literário, noticioso e crítico, cada qual apresentavam propostas, ideias, opiniões diferentes. Logo, concluímos que para cada jornal e revista em circulação na cidade existia uma redação particular.

O desenvolvimento da imprensa no estado do Rio Grande do Norte proporcionou um considerável aumento das redações pelos bairros da cidade do Natal. Reunimos as respectivas redações dos jornais e das revistas de cunho literário da cidade do Natal, a saber:

Quadro 01: Redações e endereços dos jornais literários e outros que veiculavam literatura (1890 – 1930)

Nome do jornal/revista	Endereço da redação
A Republica (1889 - 1987)	Rua Correia Teles, nº 6 / bairro Cidade Alta
Diário do Natal (1895 – 1905 / 1906-1913)	Rua da Conceição, s/n / bairro Cidade Alta
Tribunal Juvenil (1890)	Rua Coronel Bonifácio, nº 7 / bairro Cidade Alta
O Santelmo (1892-1893)	Rua 21 de Março, nº 24 / bairro Cidade Alta
O Thleta (1893)	Rua São Tomé, nº 3 / bairro Cidade Alta
Oásis (1894)	Rua da Conceição, número não identificado / bairro Cidade Alta

O Íris (1897-1898)	Rua Visconde do Rio Branco, nº 10 (depois mudou-se para Rua São Tomé) / bairro Cidade Alta
Catita (1898)	Rua Santo Antônio, nº 18 / bairro Cidade Alta
Revista do Rio Grande do Norte (1898-1900)	Rua Dr. Barata, nº 5 / bairro Ribeira
O Álbum (1902-1903)	Rua Voluntários da Pátria, nº 1/ bairro Ribeira
O Estudante (1909)	Rua 13 de Maio, nº 43 / bairro Cidade Alta
A ordem (1909)	Av. Rio Branco, nº 72 / bairro Cidade Alta
Argos (1912)	Av. Rio Branco, nº 70 / bairro Cidade Alta
A Encrenca (1913)	Rua Coronel Pedro Soares, nº 2 / bairro Cidade Alta
A avenida (1914)	Praça Américo, nº não identificado / bairro Ribeira
Via-láctea (1914)	Rua Vigário Bartolomeu, nº 5 / bairro Cidade Alta
A Hora (1915)	Av. Rio Branco, nº 44 / bairro Cidade Alta
O Pangaio (1917)	Rua Trindade, nº 23 / bairro Ribeira
Fon-fon (1920)	Rua 21 de março, nº não identificado / bairro Cidade Alta
Atualidade (1920)	Rua 21 de março, nº não identificado / bairro Cidade Alta
A Notícia (1921-1922)	Não identificado
Terra Natal (1922-1924)	Rua Felipe Camarão, nº 88 / bairro Cidade Alta
A Imprensa (1914 – 1927)	Não identificado
O riso (1927)	Rua do Comércio (depois Rua Mossoró, nº 44) / bairro Ribeira
O Potengi (1929)	Av. Tavares de Lira, nº 57 / bairro Ribeira

Fonte: conjunto de bibliografias consultadas²

² Os jornais e as revistas listadas nesse quadro não correspondem a todos de periódicos literários produzidos e circulados em Natal entre os anos de 1890 a 1930, e sim aos periódicos que nos foi possível identificar a localização de suas redações. No entanto, durante a execução desse levantamento, e por precariedade de informações sobre a imprensa de Natal na Primeira República, não foi possível obtivermos informações acerca

Se observarmos os nomes das ruas onde eram estabelecidas as redações, podemos identificar a concentração desses ambientes nos bairros da Ribeira e da Cidade Alta, bairros vizinhos. Podemos perceber certa proximidade entre essas redações. É provável que a escolha do local de estabelecimento dessas redações fosse motivada por uma série de questões: proximidade das instalações tipográficas, que imprimiriam os periódicos; proximidade dos locais de moradias dos próprios redatores, bom preço para aluguel ou compra do imóvel para instalar as redações, entre outros. No entanto, acreditamos que o impulso maior para o estabelecimento das redações fosse a grande movimentação que os bairros em apreço possuíam sendo caracterizados como os principais bairros da cidade do Natal.

Tanto a Ribeira como a Cidade Alta, era um bairro altamente frequentado pela sociedade natalense, uma vez que abrigavam outros estabelecimentos como, por exemplo, lojas comerciais, escolas, cafés, bilhares e clubes. Sendo assim, era importante que as redações estivessem perto do seu público consumidor promovendo o fácil acesso a esses estabelecimentos – em caso de visitas ou de compra de periódicos, como veremos adiante nesse artigo. Podemos ainda aferir acerca de uma preferência de ruas/avenidas.

A Avenida Rio Branco e a Rua 21 de Março aparecem como localidades preferidas para o estabelecimento das redações na topografia da cidade do Natal no bairro Cidade Alta. Outras redações concentravam-se no bairro da Ribeira, importante bairro comercial da cidade nessa época. Na imagem abaixo podemos observar o prédio de redação do jornal *A Republica*. O jornal *A Republica* aglutinou o maior número de nomes e produções que refletiram sobre a literatura. *A Republica* consistiu no suporte material fundado por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão para servir de divulgador das ideias republicanas no Estado no ano de 1889. O primeiro número desse jornal circulou no dia 1º de julho de 1889. Até a proclamação da República espalharam-se vinte edições, todas à segunda-feira ao preço inicial de cem réis. Com a eleição de Pedro Velho ao cargo de governador do estado, em 1892, *A Republica* constituiu-se como o principal porta-voz do governo, o jornal oficial do estado do Rio Grande do Norte até a revolução de 1930. A redação do jornal oficial do estado estava localizada no

da localização das redações dos seguintes periódicos literários natalenses: O Corrisco (1888-1889), O Têntame (1889), O Porvir (1889), O Planeta (1896), A Tribuna (1897-1904), O Recreio (1897), O Prisma (1897), O Éden (1897), A Manhã (1897), O Progresso (1898-1899), A Miscelândia (1898 - 1899), O Dia (1903-1905), O Potiguar (1904-1908), O Pirilampo (1905), O Trabalho (1905-1907), PAX (1907-1908), O Potengi (1906-1908), O Potiguar (1910), O Ideal (1910), A Luz (1910), Paz (1912), O Aeroplano (1915), O Parafuso (1916), A Nota (1917), O Pangaio (1917), O Olofote (1918-1919), O Luneta (1922), O Papa-figo (1922), Nossas terras, outras terras (1926) e O Laço (1930). Todas as informações listadas foram retiradas de: FERNANDES, 1998; e MELO, 1987.

bairro da Ribeira, na esquina da Avenida Tavares de Lira com a Rua Frei Miguelinho, em frente à mercearia Paulista (FERNANDES, 1998, p.22-25).

Imagem 01: Redação do jornal A Republica



Fonte: Foto de Manoel Dantas. (MIRANDA, 1981. p. 32)

Ainda analisando o quadro número 01, percebemos que cada jornal e revista possuíam a sua redação, como já mencionamos. As redações eram ambientes pertencentes a um determinado grupo específico de redatores. Todavia, não representaram espaços fechados a outros grupos que não fossem os intelectuais pertencentes ao periódico. Conjecturamos essa ideia, após constatar a existência de algumas visitas de colaboradores e/ou redatores de outros jornais da cidade às redações. Observamos que a visita nas redações era prática comum entre os intelectuais que participavam da imprensa periódica potiguar. Os periódicos estampavam esses registros nas páginas de seus próprios jornais permitindo-nos identificar as relações sociais instituídas nas redações. A fim de ficarmos em apenas um exemplo, entre essas visitas destacamos a notícia da passagem de Luiz da Câmara Cascudo, escritor, pela redação do jornal *A Notícia*:

Luiz da Câmara Cascudo – nosso talentoso confrade d'*A Imprensa* que é, igualmente um nome festejado em nossas rodas literárias, esteve antehontem, á noite, em companhia de Aducto da Câmara em vizita a nossa folha, que tem na sua pêssoa um dos seus illustres collaboradores (*A NOTÍCIA*, 1921, p.02).

A Notícia, jornal fundado pelo intelectual potiguar Kerginaldo Cavalcanti em 1921, registrou a visita dos escritores Luiz da Câmara Cascudo e Aducto da Câmara ao escritório de seu jornal. O registro da visita de Cascudo à redação do jornal em apreço não constitui um

evento casual. Esses comentários, aparentemente fortuitos, que noticiavam as visitas de intelectuais nos escritórios dos jornais, descortinar-nos a dinâmica de sociabilidade entre esses indivíduos.

As visitas às redações, possivelmente, eram motivadas pelas oportunidades de conversas, pela busca às prosas descontraídas que insurgiam nos escritórios. Ora, as redações não são espaços de construção dos periódicos? Sem dúvida. Mas também elas foram ambientes que abrigaram as conversas dos intelectuais natalenses. As conversas faziam parte da dinâmica dessas redações. Vejamos como Pedro de Alcântara Pessoa Melo recorda os momentos de bate-papos entre os redatores da revista literária *Oásis*³:

Lembro-me salvo algum lapso de memória, de Alfredo Carvalho, Cornélio Leite, Cícero Moura, Hervêncio Mariano, João Câncio, Uldarico Cavalcanti, Aurélio Pinheiro, os irmãos Fernandes (Sebastião e Raul), Antônio Soares, Alcino Carneiro, Galdino Lima. Esse grupo, tôdas as tardes, se reunia no seu bureau – cubículo situado nos fundos do prédio ocupado pela Chefatura da Polícia, à rua Conceição. Mantinhamos ali nossa sede, nossa oficina tipográfica (3 caixas de tipos e um prelo manual) e nossa redação tudo isso nos custando o aluguel mensal de 10.000 réis. Como mobiliário uma mesa, um armário, 4 cadeiras e alguns caixotes, estes variando de número procurando saber a razão disso. Nossas tertúlias se prolongavam até o anoitecer. Palestrava-se, discutia-se, trocavam-se ideias sobre vários assuntos, tudo num tom ameno, na mais estreita cordialidade (MELO, 1962, p.18).

O fragmento destacado acima é um pouco longo, mas merece a nossa atenção devido às ricas alusões contidas nele. Pedro Melo fez parte da redação da *Oásis* desde o ano de 1899 até 1904. O autor expôs suas memórias em uma conferência na Academia Norte Rio-grandense de Letras, realizada no ano de 1962. Pedro Melo recorda dos aspectos físicos da redação da revista *Oásis*. O ex-redator ressaltou as tertúlias como parte da dinâmica da redação. Mais do que isso. Pedro Melo estimula-nos a refletir sobre a condição física da redação. A descrição construída pelo autor remete-nos a uma redação de condição precária. O escritório da *Oásis* estava localizado em um recinto pequeno e alugado, em um ambiente que cumpria outras funções além daquelas relacionadas a produção da revista. A condição material, e de estrutura, da redação da revista literária não pode ser generalizada para todas as demais redações existentes na cidade do Natal. Alguns escritórios possuíam redações

³ A revista *Oásis* foi fundada em 1894 pelo grêmio literário Le Monde Marche. Circulou quinzenalmente até 1904, quando publicou o seu último volume no dia 31 de dezembro de 1904, consultar FERNANDES, 1998, p. 59.

próprias. Outros funcionavam em recintos alugados. Outros, ainda, eram estabelecidos na própria residência do redator-chefe do jornal ou revista.

No entanto, há um ponto específico nas memórias de Pedro Melo que nos chama a atenção. O ex-redator da *Oásis* relata a reunião que ocorria “todas as tardes”, ou seja, os redatores da revista literária não se reuniam pelo turno da manhã. Então, a redação não funcionava pela manhã? E o que seus redatores faziam no turno matutino na cidade do Natal? Ocupavam com outros cargos. Diante da inexistência de uma profissionalização de escritores na cidade do Natal durante a Primeira República, justificada pelo pouco rendimento financeiro que a atividade proporcionava, muitos escritores tinham empregos nos serviços administrativos, comerciais, e, ainda, em suma maioria, na instância política estadual (FEITOSA, 2008, p. 18). Desse modo, a atividade como redator de um periódico não era exercida de modo exclusivo por esses indivíduos.

Alguns intelectuais, redatores de jornais, desempenhavam outras atividades na cidade do Natal. Galdino dos Santos Lima, por exemplo, bacharel em Direito, ocupava o cargo de procurador geral do estado do Rio Grande do Norte. Sebastião Fernandes e Antônio Soares também compunha o grupo dos bacharéis que desempenhavam a função de redatores no jornal, ambos atuavam, respectivamente, como procurador fiscal do Tesouro de Natal e promotor público do estado. José Alcino Carneiro e Aurélio Pinheiro não seguiam as carreiras jurídicas proporcionadas pelo curso de Direito. No entanto, desempenhavam as ocupações de amanuense do estado⁴. Em suma, podemos perceber que o ofício de redatores não era uma atividade de dedicação exclusiva para os homens de letras da cidade.

Mesmo não podendo falar em exclusividade, percebemos que as atividades de redator dos periódicos era atividade levada a sério. Os redatores podiam exercer várias funções no jornal, indo desde redatores de textos a escritor de contos, crônicas, prosas, romances, críticas literárias. A atividade de redator exigia uma espécie de comprometimento. Um redator de jornal ou de revista deveria zelar pela formalidade, pelo uso de um padrão culto de linguagem, pela clareza das ideias. Ora, se a ideia era propagar ideias era preciso fazer isso de forma clara e objetiva.

A redação, portanto, era o espaço de elaboração, de criação, de produção intelectual. E não apenas criar. No mesmo ambiente examinava-se o que ia ser veiculado nos periódico, sobretudo no que diz respeito às contribuições dos colaboradores. Os colaboradores diferem-

⁴ José Alcino Carneiro foi um dos fundadores do grêmio Le Monde Marche em 1894, associação literária responsável pela publicação da revista *Oásis*. Ocupou o cargo de amanuense na secretaria do governo do Rio Grande do Norte e segundo escrivão do estado. Aurélio Pinheiro, por sua vez, desempenhava funções de funcionário do Tesouro do estado. (WANDERLEY, 1922, p.53 e p. 78)

se dos redatores por meio de suas participações esporádicas nos jornais. Em suma, os colaboradores não integravam as redações. Eles contribuía para a construção do jornal enviando para este, de vez em quando, suas produções literárias. Podemos concluir, portanto, que suas visitas nas redações ocorriam de modos informais. É preciso enfatizar o quanto os escritórios dos periódicos eram ambientes vivos, dinâmicos. Além das interações promovidas entre redatores e colaboradores dos jornais e revistas, as redações também recebiam a “visita” de outros periódicos que circulavam pela cidade. Observemos:

Garoto - jornal que se edita em Natal, sob a direção do inteligente moço F. Apollinario Dantas, festejará no próximo domingo o seu 2º aniversário de gloriosa existência para cujo fim *O Olophote* recebeu um atencioso convite de seu director. (...) Agradecemos a gentileza do “Garoto (O OLOPHOTE, 1919, p.04).

No trecho acima, o jornal literário *O Olophote*, fundado em 1918 na capital norte rio-grandense, agradece a solicitação de comparecimento ao festejo de aniversário do jornal *O Garoto*, fundado em 1917. O agradecimento do convite emitido pelo *Olophote* é apenas um dos indícios da existência de uma comunicação entre as redações dos periódicos em circulação pela cidade. Curiosamente, percebemos que os grupos de redatores responsáveis pela produção de um jornal passavam a ser titulados com o nome do jornal. Não existiam “os redatores de *O Garoto*”, mas a redação de *O Garoto*. Uma redação representava uma unidade. E unidades que estavam em constante comunicação com outras unidades da cidade do Natal.

Por meio das redações, as ideias circulavam, e não apenas nas páginas dos jornais vendidos. O jornal de uma redação era distribuído gratuitamente em outro estabelecimento, como podemos observar no seguinte agradecimento: “distribuiu-se hontem o *Oasis* em edição especial commemorativa do 4º aniversário do ‘Grêmio Le Monde Marche’ fundador daquelle periódico litterário (...) Nossos parabéns a briosa mocidade do ‘Le Monde Marche’” (A REPUBLICA, 1898, p. 2). Na coluna “Nosso arquivo”, publicada em 10 de setembro de 1898, o jornal *A Republica* agradeceu e comentou o recebimento da revista literária *Oasis*.

O caso do envio do jornal, gratuito, da redação da *Oasis* para a redação de *A Republica* não foi um hábito isolado na dinâmica constituída entre os redatores natalenses. Em 25 de outubro de 1898, *A Republica* direciona seus agradecimentos a outro periódico: “Visitou-nos o nº 12 d’A *Tribuna*, a interessante revista do ‘Congresso Literário’, como sempre inteligentemente dirigida” (A REPUBLICA, 1898, p. 3). Como podemos perceber os redatores da revista literária *A Tribuna* também distribuía suas produções intelectuais. Atentamos para a utilização do termo “visitou-nos” de modo que fosse possível que os jornais

“visitarem” uns aos outros. Podemos identificar na expressão uma personificação dos periódicos, das redações, uma vez que a faculdade de visita consiste em uma ação pessoal que, nesse caso, é atribuída a um objeto inanimado, a saber: os jornais e as revistas. Em alguns outros casos, os periódicos eram distribuídos por meio de visitas de redatores dos próprios jornais doados:

Recebemos os ns. 5 e 6 de novembro e de dezembro do anno passado deste interessante orgam do Gremio Polymathico. Entre outras produções litterarias destaca-se a *Sertaneja*, de Policarpo Feitosa, que muito agrada em sua leitura. Agradecemos a visita do collega, a quem desejamos proulongada existência” (DIÁRIO DO NATAL, 1900, p.01).

No caso selecionado acima, a distribuição da *Revista do Rio Grande do Norte*, periódico literário fundado no ano de 1898, à redação do jornal *Diário do Natal*⁵ foi realizada pelo próprio redator da revista literária do *Grêmio Polymathico*. Policarpo Feitosa consiste no pseudônimo utilizado para nomear Antônio José de Melo e Souza (FARIA; SILVA, 1985), redator do jornal *A Republica*, redator da *Revista do Rio Grande do Norte* e fundador da associação literária *Polymathico*. Os envios e os recebimentos de periódicos de cunho literário entre as redações estabelecidas em Natal indica a existência de uma dinâmica de troca. As palavras circulavam nos ambientes de produção dos jornais. Acreditamos que esses redatores, ao doarem e ao serem presenteados com periódicos produzidos em outras redações, constituíam uma verdadeira rede de intelectualidade, enviando ideias e, concomitantemente, recebendo em troca, ideias. No mais, as redações também obedeciam a outras dinamicidades. Os escritórios dos jornais ainda atuavam como ponto de comercialização dos periódicos, onde o público consumidor dirigia-se para adquirir os jornais e as revistas mediante o pagamento.

As compras e vendas dos jornais e das revistas não eram a única forma de diálogo entre a redação e o público-leitor. Normalmente, os periódicos autorizavam o envio de cartas e telegramas para os endereços dos escritórios dos redatores. As correspondências eram convencionalmente publicadas nas páginas dos jornais. Destacamos o seguinte exemplo: “Ulysses Caldas, 20: Mulher seria aproveitando a ausência marido Ceara namora brigada” (O PAPA-FIGO, 1922, p.01). No entanto, a natureza das correspondências enviadas à redação obedecia as mais variadas formas. No caso do telegrama mencionado, publicado no jornal *O*

⁵ Diário do Natal, jornal fundado por Elias Souto em 1895 e funcionou até o ano de 1908. Souto, que já era responsável pela circulação do periódico *O Nortista*, fundou o Diário do Natal após a aquisição da empresa *Libro tipográfica natalense*. O mencionado periódico fazia oposição ao jornal *A Republica*. Os dois jornais protagonizaram inúmeras discussões que eram veiculadas nas páginas dos periódicos. (FERNANDES, 1998, p. 16)

Papa-figo, a correspondência possuía um caráter de denúncia. Em outros casos, os telegramas possuíam caráter informativo: “Cidade, 20: Melhoramentos: consta que um grupo de deputados lançarão na próxima sessão do Congresso Modernista um projecto para que seja asphaltada do a rua 21 de Março” (O LAÇO, 1929, p. 01). Em outros ainda, as correspondências eram direcionadas diretamente para os próprios redatores dos jornais: “Rocas, 12: J. Leite, congratulo me amigo reaparecimento ilustre semanário teu “Olophote” – Ismael” (O OLOPHOTE, 1919, p.01).

A forma mais comum das correspondências enviadas aos jornais era a seguinte: nome da rua ou do bairro da cidade e o número da residência. Não nos é possível averiguar a veracidade dos fatos, ou seja, se, de fato, eram leitores que emitiam os telegramas e as cartas endereçadas às redações. No entanto, o ato de publicação das correspondências, frequentemente nas primeiras páginas dos periódicos, indica-nos a existência de um diálogo entre redatores e públicos. Ainda que os telegramas e as cartas fossem forjados ou manipulados, o que nos fica é a impressão da existência de uma comunicação dinâmica, de um diálogo.

As tipografias estabelecidas na toponímia da cidade do Natal, como já mencionado, completavam as atividades iniciadas nas redações. O setor tipográfico era responsável pela materialização das ideias elaboradas nas redações, uma vez que as oficinas de tipografias abrigavam o trabalho de composição, de impressão, de revisão e de estereotipia antes dos periódicos serem postos em circulação (TSHICOLD, 2007, p.89). Logo, quando a redação e a tipografia não estavam localizadas em um mesmo ambiente, os redatores encaminhavam os textos produzidos nos escritórios de redação para as oficinas tipográficas.

Os estabelecimentos tipográficos não imprimiam apenas periódicos. Contudo, nas palavras do historiador André Belo, na obra *História do livro e da leitura*, foram as impressões dos jornais e revistas que introduziram, progressivamente, novas formas de organizar o trabalho nas tipografias e possibilitaram meios de exploração comercial (BELO, 2008, p.84). No entanto, outros tipos de impressos compunham as atividades tipográficas. Algumas tipografias natalenses anunciavam: “Esta typographyia acha-se apta para fazer todos os serviços de impressões, como sejam – livros, relatórios, jornaes, pamphletos, conhecimentos facturas, memorandums, talões, etiquetas, recibos, legendas” (A REPUBLICA, 1920, p.04). Outras anunciavam suas novidades: “Dispondo de material todo novo faz qualquer trabalho de impressão – como cartas de convite, de participação de casamento, de enterro, annuncios avulsos, &. Preços á vontade de quem fizer a encomenda”

(DIARIO DO NATAL,1900, p.03). Nos anúncios destacados podemos observar os sortimentos de impressos oferecidos pelas tipografias na cidade do Natal.

Quanto ao procedimento de impressões não parecia ser tão simples. Não bastava o encomendador solicitar a produção de um determinado número de exemplares de um tipo de impresso. Primeiro, o encomendador deveria escolher o papel, as letras, as imagens que iam compor a impressão tipográfica. As oficinas tipográficas tinham costume de imprimir publicações, normalmente denominadas catálogos, specimes ou amostras, de tipos. Nessas publicações encontravam-se os tipos móveis, de metal ou de madeira, utilizado para a impressão textual, formados por caracteres alfabéticos, sinais de pontuação, números, símbolos e emblemas (LIMA; FARIAS, 2012, p.128). Sendo assim, as tipografias apresentavam seus catálogos aos usuários a fim de que este último pudesse escolher os tipos e tamanhos das grafias que viriam a compor, por exemplo, os periódicos.

O trabalho nas oficinas tipográficas era uma verdadeira arte. Todo tipógrafo deveria saber decifrar os manuscritos, reproduzi-los em letra de forma, formar palavras, linhas e páginas. No interior das oficinas, havia uma distribuição entre as funções: o gerente, o impressor, o revisor (ou corretor) e o paginador. O gerente era responsável por realizar as contas das despesas, comprando papel e tinta como também pagando os salários aos operadores. A primeira etapa do trabalho consistia na impressão, como o próprio termo alude, era responsável pela composição e impressão das produções. Em seguida, o trabalho do tipógrafo era enviado ao revisor, homem que iniciava o seu trabalho com a leitura em voz alta do original, podendo censurar textos ou partes. O corretor completava o trabalho do tipógrafo acrescentando pontos, corrigindo erros e retirando palavras sem conexos. Finalmente, o impresso alcançava a mão do paginador. A função exercida pelo paginador na tipografia foi minuciosamente descrita por Roger Chartier:

O papel do paginador na oficina tipográfica ultrapassava a mera função de numerar e de arrumar as páginas por tamanho. O paginador deve ser um caráter sociável e boas maneiras, pois que devido ao seu elevado cargo de responsabilidade se encontra em contínuo contato com o gerente, revisor, impressor e ainda com o autor, que a ele se dirige em todas suas dúvidas e dificuldades a qual deve o paginador prestar todos os esclarecimentos” (CHARTIER, 1990, p. 35).

Ainda que, no fragmento acima, Chartier faça uma alusão às oficinas tipográficas francesas do século XVIII, podemos conjecturar que os jornais e as revistas produzidas no século XIX e início do XX, mesmo quando feitos artesanalmente, não tinham apresentava uma composição simples. A construção da imprensa contava com distribuições de trabalhos,

sendo iniciados desde as redações – onde estavam reunidos os autores dos periódicos que chegavam às oficinas.

Dentro das oficinas tipográficas, as composições dos periódicos – bem como outros impressos – agrupavam um conjunto de pessoas em contato com a palavra escrita. Os tipógrafos possuíam um papel fundamental no universo literário: “se transformavam no intermediário entre o criador da obra e o leitor” (ASA; BURKE, 2002, p.25), o que fazia desses operários trabalhadores incomuns. Segundo Briggs Asa e Peter Burke, os tipógrafos diferenciam-se de outros trabalhadores, eles eram “imagem do artista/artesão de um ofício detentor de um conhecimento, de um saber” (ASA; BURKE, 2002, p.32). Na opinião do escritor Angel Rama, os tipógrafos eram transformados em seres sacralizados por serem eles verdadeiros obreiros do pensamento, eram tocados pelas ideias que materializavam ajudando-as difundir (RAMA, 1985).

Não fazemos uma alusão ao tipo de trabalho e à importância do tipógrafo na composição da imprensa da capital norte rio-grandense em vão. Quando lidamos com produções, difusões e circulações das palavras escritas é essencial que enfatizemos todos os indivíduos que possibilitavam tal execução. Luís da Câmara Cascudo relembra o primeiro tipógrafo da cidade do Natal: João Carlos Wanderley. Nascido em 1878, o “jornalista veterano trouxera o prelo e as caixas de tipos, suas armas de combate aos saquaremas, apelido dos conservadores. João Carlos instalou-se num casarão onde foi a Intendência Municipal” (CASCUDO, 1959, p.02). João Carlos Wanderley foi o primeiro impressor do jornal *A Republica* (1889) e formou o aprendiz José Alcino Carneiro, que trabalhou na tipografia do jornal ao lado de outro importante tipógrafo da cidade Augusto Leite⁶.

Augusto Leite (1863-1921) atuou como gráfico, na função de distribuir e de lavar tipos, “o homem dos sete instrumentos, aquele que harmonizara as deficiências da precária e dificultosa aparelhagem do velho prelo e das gastas caixas de tipos, compradas por Pedro Velho ao experiente Wanderley” (CASCUDO, 1959, p.02). Augusto Leite trabalhou, inicialmente, na oficina do jornal *Correio do Natal* (1889) e, depois, na tipografia do jornal do partido conservador *Gazeta do Natal* (1890). Ainda nos fins do século XIX, Augusto Leite passou a integrar o jornal *Rio Grande do Norte* (1890). Em seguida, o tipógrafo exerceu

⁶ José Alcino Carneiro, já com 15 anos, trabalhou como aprendiz de tipógrafo com o operário açusense João Carlos Wanderley nas oficinas do jornal *O Correio de Natal* (1888). João Carlos Wanderley foi o primeiro impressor do jornal *A Republica*, no ano de 1889. No início, José Alcino trabalhou com seu mestre atuando como “pombo-correio” da tipografia. Enviando as “provas tipográficas” para a revisão exercida por Pedro Velho, fundador do mencionado jornal. José Alcino trabalhou como tipógrafo de *A Republica* até 22 de abril de 1908 ainda chegou a participar do grêmio literário “Le Monde Marche”, ocupando o cargo de redator da revista literária *Oasis* do ano de 1898 ao ano de 1903.

função na oficina do jornal oficial do estado até o ano de 1901, preenchendo as lacunas deixadas pelos intelectuais Augusto Tavares de Lyra e Eloy de Souza – que saíram do jornal para ocupar cargos políticos no estado do Rio Grande do Norte. Logo, Augusto Leite passou a ser gerente e diretor técnico do jornal *A Republica*.

O tipógrafo quando saiu da oficina, juntamente com Pedro Avelino, criou o jornal *Gazeta do Comércio* (1901)⁷. Durante a década de 1910, o tipógrafo ainda chegou a estabelecer na cidade a sua própria tipografia localizada na Travessa Nísia Floresta, número 3. Posteriormente, mudou para a rua Doutor Barata, número 27, onde foi responsável pela impressão de alguns jornais da cidade⁸.

Além de Augusto Leite, outra oficina tipográfica significativa na cidade do Natal foi o Atelier M. Vitorino, localizado na Rua coronel Pedro Soares, número 8. O atelier, dirigido por Carlos Policarpo, desenvolveu atividades de tipografia. A oficina prestou amplamente seus serviços aos escritores da cidade, principalmente na década de 1920, “contribuiu para que muito livro tivesse vida e movimento” (CASCUDO, 1959, p.02). A tipografia, além de ter produzido os periódicos literários *Terra Natal* (1922), *Fon-fon* (1920) e *Atualidade* (1920), ainda promoveu a publicação dos livros dos escritores: Luiz da Câmara Cascudo (*Alma Patrícia*), Henrique Castriçano (*Educação da mulher no Brasil*), Virgílio Trindade (*Flechas*) e Ponciano Barbosa (*Livro Humilde e Dúvida*) (WANDERLEY, 1922).

Apesar da importância dos trabalhos tipográficos nas oficinas do jornal *A Republica*, de Augusto Leite e do atelier de M. Vitorino, a cidade do Natal, entre os anos de 1889-1930, possuiu outros estabelecimentos tipográficos. Entre os anos que corresponderam a Primeira República, contabilizamos 17 tipografias estabelecidas na capital norte rio-grandense. Diferentemente das redações, não se tinha em Natal uma tipografia para cada jornal. Havia casos em que uma oficina tipográfica era responsável por três ou mais impressões de jornais. Se cada jornal ou revista expressava uma ideia, uma proposta em particular, podemos supor que, no interior das tipografias, quando imprimiam mais de um periódico, havia uma heterogeneidade de ideias, de opiniões, de objetivos.

A acumulação dos serviços de impressão de vários periódicos faz-nos pensar na existência de constantes visitas dos redatores dos jornais às oficinas tipográficas, e vice-versa.

⁷ Não sabemos por qual motivo Pedro Avelino e Augusto Leite romperam com o jornal *A Republica*. O que temos conhecimento acerca é que o jornal *Gazeta do Comércio* contou a participação de Pedro Avelino, Augusto Leite e Pedro Alexandrino na composição da redação do jornal. O jornal estabeleceu uma tipografia na Travessa da Rua Frei Miguelinho. O *Gazeta* foi o primeiro jornal a ser publicado no século XX em Natal. (FERNANDES, 1998, p. 36).

⁸ Na tipografia de Augusto Leite imprimiu-se os seguintes jornais: O Potengi (1910), Correio do Norte (1912), A Platéia (1916), O Parafuso (1916) e O Pangaio (1917). Informações extraídas de: MELO, 2008, p.21.

Redatores de um dado jornal iam à tipografia responsável pela impressão do mesmo. O paginador, por exemplo, deveria retornar aos autores do manuscrito em caso de dúvidas. Estava aí estabelecida uma dinâmica. Através das visitas, esses homens reunidos nas atividades de imprensa sociabilizavam-se. As ideias circularam, fosse por meio dos manuscritos entregues nas tipografias, fosse por meio dos bate-papos nas visitas às oficinas ou às redações.

A este argumento podemos acrescentar também a dificuldade dos pequenos jornais em possuir uma oficina tipográfica. Foram poucos os que tiveram sua redação e sua tipografia localizada no mesmo ambiente, tendo que recorrer aos serviços de impressões já existentes na cidade. Em casos raros, os redatores também eram tipógrafos, o que facilitava o estabelecimento de uma tipografia particular para a produção do periódico⁹.

Outro apontamento pertinente é acerca das localizações das oficinas no solo urbano natalense. As oficinas de impressão tinham preferência pela fixação dos estabelecimentos nos bairros da Ribeira e da Cidade Alta. Como já mencionamos, eram partes da cidade de intenso movimento e de fácil acesso aos contratantes dos serviços tipográficos, sobretudo para as redações. Por fim, devemos chamar atenção para o número de tipógrafos que dirigiam as oficinas em Natal. Nomes que não se resumiam apenas em João Carlos Wanderley, José Alcino Carneiro, Augusto Leite e A. M. Victorino, mas que aglutinavam outros indivíduos, entre eles Luís Antônio Ferreira Souto, Elias Souto, os irmãos Pedro e Manuel Pimenta, Nizário Gurgel, José Pinto – que chegou a realizar serviços também na oficina tipográfica de *A Republica* – Severino Lima, Sandoval Wanderley e João Estevam Gomes.

Pensamos que o considerável número de tipografias, bem como de tipógrafos, em funcionamento na cidade pode identificar um possível negócio lucrativo. Oferecer serviços tipográficos era rentável. Provavelmente, trabalhar como tipógrafo também, como nos leva a pensar o seguinte anúncio: “Typographo - Precisa-se de um habilitado em impressão e confecção de chapas na Typographia AUGUSTO LEITE. Paga-se bem” (*A REPUBLICA*, 1923, p.04). Infelizmente, não dispomos de informações acerca dos vencimentos mensais pagos àqueles que desempenhavam as atividades nas oficinas. No entanto, é plausível que, diferente dos grupos de redatores, a atividade na tipografia era de dedicação exclusiva. Além do mais, os tipógrafos da cidade do Natal reuniam-se como conjunto de classe operária consciente.

⁹ Entre os casos raros podemos mencionar o caso de Augusto Leite e João Leite Cordeiro. Como já mencionado, Augusto Leite fundou na cidade a sua tipografia particular, estabelecendo, conjuntamente, o jornal intitulado *Gazeta do Comércio* (1901). No caso de João Leite Cordeiro, o tipógrafo fundou o jornal *O Olophote* (1918). João L. Cordeiro, imprimia o jornal na sua própria oficina tipográfica.

No ano de 1923, fundou-se na cidade uma associação de tipógrafos objetivando “contribuir para o alevantamento moral e material da classe typographica” (A REPUBLICA, 1923, p.02). O grêmio, intitulado *Augusto Leite* e instalado na sede do Centro Operário Natalense, foi uma iniciativa do corpo tipográfico do jornal *A Republica*, que convidava:

seus colegas que estejam ou não em actividade, desta capital e do interior deste Estado, pessoalmente por representação para uma reunião intima no próximo domingo 26 do corrente, às 13 horas, num dos salões da redação deste jornal na qual serão apresentados as bases de um plano associativo que visa o bem-estar desta classe. Natal, 20 de Agosto de 1923. Francisco Bulhões, Epiphanio Noronha, Alberto Rodolpho, Miguel Trindade, Sergio Lima. Francisco Freire, Miguel Nascimento, Nestor Galhardo, Antonio Filgueira e Olavo Pó (A REPUBLICA, 1923, p.02).

No fragmento acima percebemos o reconhecimento dos tipógrafos como sendo pertencentes a uma classe operária em 1923. Essa não foi a primeira vez em que os trabalhadores das tipografias se nomeavam assim. Em 1919, o jornal *O Olophote* dedicou ao tipógrafo Augusto Leite o título de “chefe supremo da classe operaria” (O OLOPHOTE, 1919, p.01). Com consciência de pertencimento a uma categoria profissional, podemos perceber os tipógrafos da cidade como redes organizadas em reivindicações que abarcam problemas técnicos e econômicos no setor gráfico, enfim, que exigiam “o bem estar da classe operaria”. Na figura seguinte, temos a imagem do corpo tipográfico do jornal *A Republica*:

Ainda que os tipógrafos representassem um grupo de profissionais organizados, a profissionalização desenvolvia-se de maneira informal, uma vez que inexistiam, na cidade, cursos de formação para aqueles que almejavam operar as máquinas de prensa e tipos das oficinas tipográficas. Para todos que buscassem seguir a atividade de tipógrafo, o aprendizado era conduzido por um mestre, por alguém que já possuísse experiência na função. Tal como aconteceu com José Alcino e João Wanderley. Nos registros de suas memórias, Pedro de Melo recorda quando iniciou sua atividade como tipógrafo em uma das oficinas em Natal. Observemos:

Um dia fui procurado por Gotardo Netto, da Gazeta, o qual era portador de um convite de Augusto Leite para trabalhar ali. Atendi ao apelo e Augusto Leite recebeu me como um velho conhecido não obstante ser a primeira vez a estarmos juntos. Era difícil, logo de início, me apercebi, achar uma pessoa mais afável do que Augusto Leite, o qual foi logo explicando a situação da folha – o Redator-chefe e viagem, doente, isto, porém não devendo afetar a norma de vida do jornal na sua publicação diária. ‘Neste particular, continuo ele, você pode nos auxiliar muito’. Entrei logo em ação d’ali por diante vi quanto me fôra precioso o treino por mim adquirido no OASIS. Conhecendo composição e revisão me ambientei logo com o trabalho, podendo disso dar

testemunho o meu particular amigo, penso aqui presente, o Dr. Francisco Ivo, na época, tipógrafo da Gazeta (MELO, 1962, p.25).

O literato Pedro de Melo relata sua atuação como tipógrafo no jornal *Gazeta do Comércio*, fundado por Augusto Leite em 1901. Como o letrado menciona que, sob a orientação dos tipógrafos Francisco Ivo Cavalcanti e do próprio Augusto Leite, e, sobretudo, a sua prática nas oficinas da revista literária *Oásis*, pode ter bom desempenho em suas atividades na tipografia da Gazeta. A arte da tipografia era apreendida na prática pelos homens que iniciavam os trabalhos na imprensa na cidade desde muito cedo.

A ausência de um curso de formação para tipógrafos e, conseqüentemente, da falta de prática resultaram em momentos que exigiam novas adaptações. A imprensa, que tinha despertado na cidade do Natal desde o ano de 1832, não parava de avançar. A introdução das máquinas tipográficas, provavelmente na década de 1910, transformou o trabalho artesanal do tipógrafo em trabalho mecânico. Possuímos informações sobre a introdução das *máquinas Rotativas Marianne* nas oficinas tipográficas de Natal (O OLOPHOTE, 1919, p.01)¹⁰. O aumento de tiragens, bem como a sua melhoria visual, provavelmente, deve ter gerado efeitos no público-leitor desses suportes materiais. Assim, a mecanização da imprensa no Brasil atingiu, mesmo que tardiamente, a cidade do Natal.

Considerações finais

Não almejamos aqui apenas realizar uma breve história das redações e das tipografias e sua importância na dinâmica intelectual desenvolvida na cidade do Natal. O que realizamos aqui foi à discussão acerca das relações existentes nas redações e nas tipografias da cidade, pensamos na diversidade de jornais que percorriam cada oficina tipográfica instalada na cidade, nas constantes movimentações nas oficinas. Quantas conversas não foram travadas nessas visitas? Quantas ideias não foram compartilhadas nesses estabelecimentos de impressões? Quantas opiniões, propostas, projetos não foram descortinados nas leituras em voz altas ou nas revisões antes de levar os periódicos às ruas?

¹⁰ No fim da década de 1910, o jornal *O Olophote* anuncia uso das *Rotativas Marianne* em suas impressões. As Rotativas Marianne correspondem às máquinas de impressão a vapor, cuja utilização pode ser tomado como considerável acontecimento para a imprensa e para a cidade, visto que deve ter favorecido a agilidade e a nitidez dos jornais em circulação. Em 1866, Hippolyte Marianne inventou a rotativa, máquina que revolucionou o processo de impressão passando a imprimir dez mil exemplares por hora, necessitando apenas de três operários para trabalharem na máquina. Identificamos o uso desses tipos de máquinas na Paraíba, pelo menos desde 1892, pelo tipógrafo Manoel Henrique de Sá. Para maiores informações, consultar: BARBOSA, 2010. P. 214-215.

Se as tipografias eram ambientes de produção, de trabalho, também abrigaram as prosas entre os frequentadores das oficinas. As redações e as oficinas consistiram em recintos em que até “Pedro Velho, mesmo deputado, governador, senador da República, gostava de ir dar uma prosa nas oficinas” (CASCUDO, 1959, p.02). Em uma alusão as constantes visitas às oficinas tipográficas de *A Republica*, o coronel José Pinto ficou conhecido como “homem de imprensa” (A REPUBLICA, 1911, p.01), As conversas nos escritórios das redações e nas tipografias eram práticas indispensáveis pelos literatos da cidade do Natal, lugares de reuniões, de debate.

Por fim, preferimos pensar sobre as interações intelectuais que descortinamos neste artigo. Optamos por demonstrar as relações de afinidades existentes nesses recintos, bem como a comunicação de redatores e tipógrafos com o público. Instaladas em lúgubres ambientes da cidade do Natal, de maioria de iletrados, as redações e as tipografias, sem dúvidas, recém incluíram a capital norte rio-grandense no circuito da cultura letrada.

Referências Bibliográficas

Fontes primárias:

- ANNUNCIOS. *A Republica*. Natal, 10 fev. 1923.
A NOTÍCIA. Natal, 28 mai. 1921, p.2.
CASCUDO, Luís da Câmara. Actas Diurnas. O primeiro tipógrafo. *A Republica*. Natal, 01 jul. 1959.p.2
CASCUDO, Luis da Camara. Em louvor de Carlos Policarpo. Actas diurnas. *A Republica*. Natal, 10 jul. 1959.p.2
CARTAS E TELEGRAMAS DE FELITICAÇÕES. *O Olophote*. Natal, 12 jan. 1919.
GAROTO. *O Olophote*. Natal, 9 fev. 1919.
GRÊMIO TYPOGRAPHICO AUGUSTO LEITE. *A Republica*. Natal, 30 ago. 1923.
NOSSA TYPOGRAPHIA. *Diário do Natal*. Natal, 08 out. 1900.
O NOSSO ARCHIVO. *A Republica*. Natal, 10 set. 1898.
O NOSSO ARCHIVO. *A Republica*. Natal, 25 out. 1898.
O OLOPHOTE. Natal, 05 jan. 1919.
REVISTA do Rio Grande do Norte. *Diário do Natal*. Natal, 23 mar. 1900.
TELEGRAMAS. *O Papa-figo*. Natal, 24 dez. 1922
TELEGRAMAS. *O Laço*. Natal, 21 set. 1930.
TYPOGRAPHIA DA REPUBLICA. *A Republica*. Natal, 05 set. 1920.

Livros:

- ASA, Briggs; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia:** de Gutemberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 25
BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Os intermediários da leitura na Paraíba de oitocentos: livreiros e tipógrafos. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros.** São Paulo: Editora Unesp, 2010. P. 214-215.

- BELO, André. Na era de Gutenberg: outras publicações. In: _____. **História & livro e leitura** (Coleção História & Reflexões, 3) Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia de Letras, 1999.
- GOMES, Ângela de Castro. **Essa gente do Rio... - modernismo e nacionalismo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- FERNANDES, Luiz. **A imprensa periódica no Rio Grande do Norte, de 1832 a 1908**. Natal/RN / Fundação José Augusto: Sebo Vermelho, 1998.
- LIMA, Edna L. Cunha; FARIAS, Priscila L.; ARAGÃO, Isabella R. **Catálogos de tipos móveis: contribuição para a história (tipo)gráfica**. Disponível em: http://www.academia.edu/876324/Catalogos_de_tipos_moveis_contribuicoes_para_a_historia_tipo_grafica_brasileira. Acessado em: 12 de dezembro de 2012.
- MELO, Manoel Rodrigues de Melo. **Dicionário da Imprensa do Rio Grande do Norte (1909-1987)**. São Paulo: Editora Cortez, 1987.
- MELO, Pedro de Alcântara Pessoa de. **Natal de ontem: figuras e fatos de minha geração** (Conferência na Academia Norte Rio Grandense de Letras em 24-1-1962). Natal/RN: Sebo Vermelho, 2006.
- MIRANDA, João Maurício Fernandes de. **380 anos de História foto – gráfica da cidade de Natal (1599 – 1979)**. Natal/RN: EDUFRN, 1981.
- RAMA, Angel. **Cidade das letras**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- SILVA, Raimundo Nonato da & FARIA, Osvaldo Lamartine. **Pseudônimos e iniciais potiguares**. ESAM/FGD, 1985.
- TSHICHOLD, Jan. Arte tipográfica. In: _____. **A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro**. Cotia,SP: Atelier Editorial, 2007.

Recebido em: 28 de outubro de 2013

Aprovado em: 05 de maio de 2014